

**MARVEL E OS DIREITOS HUMANOS:
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, DIREITOS SOCIAIS E CIDADANIA**

**MARVEL AND THE HUMAN RIGHTS:
COMIC BOOKS, SOCIAL RIGHTS AND CITIZENSHIP**

AMARANTA VASCONCELOS SILVA¹

Resumo: A luta pelos Direitos Sociais, por igualdade de direitos, embora tenha se intensificado nos últimos tempos, ela sempre foi temas de estudos, de análises, de discussões, de livros, inclusive de histórias em quadrinhos, como se está tentando provar neste artigo, focalizando a Marvel Comics. A própria história desta linha editorial já demonstra, entre linhas, o enfoque em função de igualdade de direitos, dando relevo a super-heróis de segmentos da sociedade que são marginalizados ou que integram alguma minoria. Sua influência pode ser maior do que se imagina, pois o consumo de suas obras, não apenas por jovens, mas também pelo mundo adulto, tem se mostrado constante durante os muitos anos de sua existência. Stan Lee, figura de destaque do ramo, nunca escondeu que busca inspiração em fatos contemporâneos a fim de trazer à baila debates pertinentes ao momento, conseqüentemente trazendo visibilidade para as questões como os direitos humanos, direitos sociais, cidadania participativa e representatividade das minorias. Dessa forma, percebe-se um elo entre questões sociais que envolvem direitos fundamentais e das minorais, bem como o mundo das histórias em quadrinho. Assim, é nítida a relação intrínseca das questões supra citadas com a cultura pop e o mundo do entretenimento.

Palavras chaves: história em quadrinhos; Marvel; direitos sociais; cidadania; representatividade.

Abstract: The pop culture on mainstream always in fluenced the population. However, the oposit has been happen too, and often. The fight for rights e social

¹ Faculdade de Direito de Franca, Franca (SP), Brasil. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3289409790523793>. E-mail: amaranta_vas@hotmail.com

issues have been served as inspiration to art and entertainment in general way. And, the frequency presence of issues like representativeness and human rights such as methapor or direct speech, has been bringing the attencion of everyone such huge your power. Stan Lee, one of most popular and importante person in the comic books histpry and mainly, Marvle´s comic books, never hide that search for inspiration in facts that happen in nowadays, and tend to bring the light torelevant discussions at the momento.And also bring issues like human right, social rights, maniroty representativeness and citizenship to daily discusses. In front of, is interesting realized thar both of them is connecting, because the comic books using politcs and right like contexto for tell the histories and the discusses remains fresh on account of the publication of the grapich novels. Therefore, seems clear the bounce between comic book and social issues involved with human rights.

Keywords: comic books; Marvel; social rights; citizenship; representativeness.

1 INTRODUÇÃO

O conceito de cidadania tem sido alterado ao longo dos séculos, desde os primórdios da sociedade ocidental. No entanto, não há como não pensar os direitos fundamentais do ser humano sem mencionar este conceito basilar para a construção de uma sociedade apta a conceder a todos os seus indivíduos uma existência digna, assegurando os seus direitos fundamentais.

Em sentido amplo a cidadania é um status concedido àqueles que são membros integrais de uma comunidade: todos aqueles que possuem o status são iguais em direitos e obrigações (CANDAU, 2007).

Para Thomas Marshall, pensador que introduziu a ideia de direito social, a cidadania só é efetivada a partir da conquista de direitos. Assim, Marshall dividiu a cidadania em três dimensões - civil, política e social (MARSHALL, 1967).

O aspecto civil e político constitui a primeira geração de direitos civis (liberdade de expressão e movimento e obediência à lei); o aspecto social forma a segunda geração de direitos; e a terceira geração é composta por temas específicos de grupos e reivindicações difusas de direito. São demandas relacionadas a temas heterogêneos como, por exemplo, o respeito por etnias, pelos direitos da mulher, dos idosos, das crianças, do meio ambiente e da humanidade, considerada no seu conjunto.

Vale lembrar que a teoria de Marshall sobre a cidadania enfoca os interesses dos grupos e a criação de direitos de cidadania pelo Estado e sustenta, com base nos estudos sobre a sociedade inglesa, que esses direitos tendem a progredir do âmbito legal para o político e, então, para os direitos sociais. Atualmente, em lugar de somente focalizar-se como direitos legais (OLIVEIRA, 2016), agora é certo que a cidadania também deve ser definida como um processo social no qual os indivíduos e grupos sociais se ocupam reivindicando, expandindo ou ganhando direitos, pois, como elucida Hannah Arendt:

Globalização, políticas neoliberais, segurança global, estas são realidades que estão acentuando a exclusão, em suas diferentes formas e manifestações. No entanto, não afetam igualmente a todos os grupos sociais e culturais, nem a todos os países e, dentro de cada país, às diferentes regiões e pessoas. São os considerados “diferentes”, aqueles que, por suas características sociais e/ou étnicas, por serem “portadores de necessidades especiais”, por não se adequarem a uma sociedade cada vez mais marcada pela competitividade e pela lógica do mercado, os “perdedores”, os “descartáveis”, que veem cada dia negado o seu “direito a ter direitos” (*apud* CANDAU, 2007).

Portanto, é importante pensar os direitos fundamentais e a dignidade da pessoa humana para além dos centros de discussão acadêmica e instância elevada dos direitos e trazê-los para a realidade da população, conjuntura social e possibilidade da atuação do cidadão além das fronteiras do Estado.

Conforme elucida Paula Julieta Jorge de Oliveira, mestra em Direitos Políticos:

[...] No que tange à atuação dos cidadãos além das fronteiras dos Estados, retomou-se a noção de cidadania cosmopolita ao defender o forte senso do coletivo e responsabilidade individual para com o mundo como um papel de suporte para desenvolver as efetivas instituições globais, a fim de aliviar a pobreza e desigualdade, degradação do meio ambiente e violação aos direitos humanos. A cidadania formal não é necessariamente condição suficiente para a cidadania substantiva; isto é, o simples reconhecimento dos direitos de cidadania não pressupõe o seu exercício, bem como não modifica as disparidades sociais, nem promove a justiça social (2016, s/p.).

Dessa forma, entende-se a importância da representatividade e de uma democracia mais participativa, de modo que o pensamento a respeito das questões elencadas acima perpassa as esferas de poder e possa ser discutida por toda a população, mesmo aquelas que são marginalizadas de forma sistêmica.

Sendo assim, a militância e a participação ativa da população, principalmente sobre questões referentes aos grupos chamados de minorias, como negros, mulheres, deficientes e gays são essenciais para efetivação de um Estado Democrático de Direito. O que torna essencial a ampliação desse debate é a formação de pensamento crítico dos indivíduos acerca desta questão.

Conforme estas discussões ganham peso de acordo com o período histórico, também ganham visibilidade na mídia e passam a ser representadas e discutidas em vários setores, entre eles as de entretenimento.

As lutas por direitos e debates sociais sempre serviram de inspiração seja para a música, cinema ou literatura. Porém, a presença latente de questões como representatividade e direitos humanos, de maneira explícita ou por meio de metáforas, no mundo das histórias em quadrinhos é de se chamar atenção, tamanha a sua força.

Um das editoras que se comprometeu de maneira explícita em dialogar com esta questão é a Marvel, hoje um dos maiores nomes do meio de produção de história em quadrinhos.

2 MARVEL E AS QUESTÕES DE IDENTIDADE RACIAL

A Marvel foi uma das primeiras editoras a pensar um super-herói negro.

Em 1966, a Marvel lançou o Pantera Negra, identidade secreta do rei T'Chala de Wakanda, país da África Equatorial.

No entanto, como muitos outros heróis, o Pantera Negra não corresponde apenas à persona de T'Chala. O manto do Pantera só pode ser usado pelo chefe da nação de Wakanda; e não é obtido de forma compulsória ao ser herdado o trono do país; é necessário provar seu valor para que receba esse título.

Com o advento da luta por direitos civis, a Marvel criou Isaiah Bradley, o primeiro Capitão América afroamericano; e sua saga sempre gera em torno da luta dos direitos dos negros. Isaiah também tem seus poderes adquiridos pelo soro do supersoldado, sendo o único sobrevivente do último experimento com o soro.

No entanto, seu arco é bem diferente do Capitão América já conhecido Stevie Rogers, herói idolatrado e sempre diante dos holofotes. Isaiah permanece marginalizado e chega a ser até preso e, dessa maneira, tem sua carreira de herói e militar extinta.

Na época em que foi lançado, ter um herói de tamanha repercussão negro e, fazendo denúncias raciais como as que ocorrem em seu arco foi, sim, uma política avançada para época e que até hoje contribuiu para uma consciência histórica e crítica.

[...] Embora Isaiah tenha tido a sua carreira como herói militar destruída, a lenda do "Black Captain America" começou a se espalhar ao longo dos anos através da comunidade negra norte americana influente. Assim, Bradley acabou se tornando um símbolo de respeito cultural e todos o tratavam com muito respeito e admiração. Ele chegou a receber figuras marcantes na história como, por exemplo, Malcolm X, Richard Pryor, Muhammad Ali e o próprio Nelson Mandela. Fora da comunidade negra, no entanto, ele permaneceu no anonimato, pelo fato do governo do EUA fazer um acordo com ele de nunca vir a público nada sobre a sua vida como herói, sua prisão ou de suas missões como black ops. Isto realmente acabou deixando-o de fora do hall dos grandes heróis, ao ponto de quando Bradley foi chamado como convidado de honra no casamento da Tempestade com o Pantera Negra, muito dos super-heróis negros, como Luke Cage, Golias, Pulsar, Triatlo e Falcão, sentiram-se realmente impressionados feito crianças na presença de um dos maiores heróis de todos os tempos da sua etnia, enquanto outros super-heróis, realmente, nem conheciam a identidade de Bradley ou mesmo se importavam com a sua presença. (PopGround, 2016).

A fórmula parece ter dado certo, pois, recentemente, quem assumiu o manto de Capitão América, após Stevie Rogers ter perdido seus poderes provenientes do soro do supersoldado, é o Vingador Sam Wilson, mais conhecido como Falcão.

Sam Wilson tem sua aparição inicial como parceiro de Rogers em 2007, sendo retratado no cinema, a primeira vez, no filme de 2014 Capitão América e o Soldado Invernal. Vale lembrar que a escolha de Wilson foi feita pelo próprio Rogers acreditando que o amigo teria as características necessárias para vestir o manto.

Wilson iniciou sua saga como Capitão América em 2015, período em que o personagem estava no auge, tanto pela sua aparição nos filmes dos Vingadores quanto pelo sucesso de seus filmes solos, que já emplacam três, na franquia.

Dessa forma, é nítida a intenção da Marvel de reafirmar a ideia de representatividade da cultura negra, principalmente em tempos em que a questão racial tem feito tantas vítimas no mundo inteiro, como também deixar que essa discussão permaneça em voga.

Na década de setenta, à medida que o ativismo negro ganha força, e com o surgimento de figuras como Martin Luther King e Malcolm X, criou-se, no cinema, um movimento chamado Blaxploitation que se caracterizava por uma onda de atores e diretores negros que direcionavam suas películas ao público negro. Em razão desse movimento, criaram-se vários arquétipos vinculados a uma imagem do negro, que acabaram gerando vários estereótipos que hoje em dia não são bem visto.

Na mesma época, a Marvel criou Lucke Cage, um herói negro cujo superpoder é ser indestrutível e ter superforça. Inicialmente o herói era baseado no personagem de sucesso Shaft² dos cinemas. Em razão disso, o herói continha uma série de estereótipos criados para os negros.

Ao ser adaptado para os dias de hoje, Lucke Cage ganhou uma nova roupagem, dialogando com a realidade da cultura negra norte-americana, o que fica bem nítido na série de televisão homônima, criada pela NETFLIX em 2016.

No entanto, alguns aspectos foram preservados, fiel ao cânone. Os principais vilões do cenário do herói são gangsteres e políticos corruptos que tentam prejudicar o bairro onde vive, o Harlem.

No passado, Lucke foi presidiário, e ganhou seus superpoderes ao se oferecer para uma experiência científica do governo. Nessa esteira, a série também traz uma carga grande de discussão sobre a violência policial, tema muito abordado atualmente, não só sobre o ponto de vista dos abusos de autoridade na penitenciária, mas também no dia a dia e principalmente com os jovens. O contexto endossado na série tem ganhado peso

² *Shaft* é um filme de ação e conta a história de um detetive negro, John Shaft, que viaja através do Harlem e se envolve com a máfia italiana a fim de encontrar a filha desaparecida de um mafioso negro. O sucesso do personagem no cinema contribuiu para o empoderamento do negro em Hollywood e fez com que mais protagonista negros surgissem.

nas discussões da grande mídia principalmente após a criação do grupo ativista “Black Lives Matter”, que milita contra todo tipo de violência racial e sistêmica.

Assim, Lucke Cage, sendo reavivado na TV, nos convida a repensar os dilemas vividos pela comunidade negra e seus desafios em uma sociedade que, embora estruturada em um discurso de direitos fundamentais, igualdades de direitos civis e acesso da população aos seus direitos sociais, ainda se vê marginalizada e oprimida pelo sistema como um todo.

O conceito do arco do herói dialoga bastante com a ideia de Marshall ao afirmar que as desigualdades gritantes não eram resultantes das falhas dos direitos civis, mas à falta dos direitos sociais.

É interessante também perceber que ele faz parte de duas minorias, discriminadas em qualquer parte do mundo e, no entanto, opta por realizar o trabalho de defesa e busca do bem estar da sua sociedade. O que sinaliza a ideia de uma cidadania, de certa forma mais atuante. As discussões em torno dele são sempre a respeito de promover um bairro mais seguro, ou mesmo evitar que o dinheiro público seja usado de maneira inadequada ou seja fonte de corrupção. Portanto, está diretamente ligado aos direitos de fundamentais da população.

Os diálogos promovidos na série, bem como nos quadrinhos sobre a questão da identidade negra, toda a forma como exploram o crescimento dos personagens, ganha peso, uma vez que possui argumentos importantes na luta contra o racismo: “Cage luta contra vilões fantásticos, bem como policiais corruptos. Ser um herói afro-americano com a pele à prova de balas carrega uma importância social e política distinta”, sinaliza Qiana Whitted, professora de estudos afroamericanos da Universidade da Carolina do Sul (*apud* FINCO, 2016).

Nessa mesma linha pontua CW Marshall, especialista em cultura pop e professor da Universidade da Columbia Britânica, no Canadá:

[..] Parte da população negra, não só nos Estados Unidos, sofre com racismo e o legado amargo dos tempos de escravidão. Uma nova onda de protestos e ativismo impede que se esconda o problema. Hoje, somos mais conscientes da necessidade de diversidade. E atitudes positivas precisam ser tomadas para suprir essa necessidade. Se o primeiro passo

para a recuperação é admitir, Cage contribui para nos mantermos no caminho certo (*apud* FINCO, 2016).

Cage não se esconde atrás de uma máscara ou traje metálico, está sempre de jaqueta e capuz, assim como alguns jovens que são vítimas de violência policial constantemente. Um exemplo é Trayvon Martin, jovem negro de 17 anos, que se vestia exatamente assim ao ser alvejado por um segurança de condomínio na Flórida em 2012.

Ainda sobre a realidade dos bairros ditos de periferia, no universo Ultimate da Marvel, o novo homem aranha é Milles Morales (primeira aparição em Ultimate Fallout #4, agosto de 2011), garoto negro de descendência hispânica. Mais uma vez, as minorias ganham representatividade e, novamente há o discurso de buscar a melhora da condição de vida e segurança de seu bairro ou sua cidade. É interessante perceber o quão sutil é a mensagem de cidadania por trás desses novos arquétipos de super-heróis, tão diversificados que vêm surgindo. A ideia acaba por encorajar grupos da sociedade que são, durante séculos, marginalizados, como protagonistas na luta por uma sociedade mais justa. Quando se estabelece que negros, ex-presidiários, imigrantes, mulheres podem fazer a diferença, isso gera um processo de empoderamento dessas pessoas que faz com que elas busquem ocupar espaços de poder, além de trazer para a grande mídia discussões sobre representatividade, direitos, cidadania e, conseqüentemente, provocar nas pessoas um pensamento mais crítico.

3 MARVEL E AS QUESTÕES DE GÊNERO

Atualmente, a questão de gênero vem ganhando visibilidade. Isso inclui não apenas a ideia das minorias como LGBTI, mas também a representatividade e empoderamento da mulher. O movimento feminista é caracterizado por desenvolver uma luta sócio-política que busca promover a igualdade de direitos entre homens e mulheres na sociedade civil.

Nessa disposição e, compreendendo a importância desse debate a fim de que se possa erradicar o discurso machista e homofóbico, a Marvel, que tem o costume de não vincular o chamado “manto” de um super-herói a um personagem específico, usou personagens femininas para ilustrarem as aventuras de seus heróis mais famosos. É o

caso de heróis como os do grupo Vingadores que, atualmente, ganharam destaque após serem retratados em uma franquia de cinema.

O primeiro a atuar dessa forma foi Thor, que, desde 2014, é vivido pela cientista Jane Foster (primeira aparição como Thor em *Pecado Original #1*, maio de 2014) que durante muitos anos foi coadjuvante na saga do herói. Importante frisar que este personagem é inspirado na cultura nórdica, cujo título de THOR é associado àquele que é digno de portar o martelo Mjólnir, criado pelo deus e rei de Asgard, Odin. Dessa maneira, a Marvel não apenas traz para o contexto uma forte personagem feminina, com poderes de um deus, mas constrói a ideia de caráter honesto, forte e determinado em torno dela e a faz merecedora do título por sua personalidade.

Em 2015, foi anunciado que Tony Stark, o gênio, bilionário e filantropo, não seria mais o Homem de Ferro. O manto foi passado para Riri Williams uma garota negra, brilhante cientista que entrou no Instituto de Tecnologia de Massachusetts com 15 anos. Novamente é explorada, não apenas a questão de gênero, mas de identidade racial permeada por esta discussão. Feminista como Alice Walker e Angela Davis, há décadas, alertam para a questão de que o feminismo não deve ser etnocêntrico (DAVIS, 1982), portanto, deve-se olhar de maneira condizente para as mulheres negras, uma vez que a discriminação sofrida por elas é diferente, por vezes, até maior, conforme alertam estudos. Em outras palavras, trata-se, muitas vezes de se discutir a minoria dentro da minoria, uma vez que permeia a questão do racismo e como a mulher negra é vista na sociedade patriarcal caucasiana da atualidade, quais seus desafios e como ela os encara.

É importantíssimo a cultura do entretenimento romper com a ideia de “coisa de menino” e entender que o gosto pela leitura desse chamado (e por que não?) estilo literário vai além das ideias de gênero e orientação sexual.

E esta afirmação ganha respaldo estatístico; em uma pesquisa recente, foi divulgado que 40% dos leitores da Marvel eram do sexo feminino.

Ainda neste segmento, temos a discussão sobre a orientação sexual e identidade de gênero.

O primeiro a protagonizar o debate LGBT foi o X-men Estrela Polar na edição Alpha Flight #106 de 1992. Posteriormente, o Estrela Polar se casa com seu companheiro, protagonizando a primeira união homoafetiva das histórias em quadrinhos. A partir daí, muitos outros têm assumido sua sexualidade e, como Colossus e o Homem de Gelo, ambos dentro da própria equipe dos X-Men.

É importante frisar que esse movimento não acontece apenas na Marvel, sendo que os heróis da DC, por exemplo, têm histórias nas quais seus super-heróis têm sua orientação sexual revelada, como o caso da Mulher Gato e do romance vivido pela Arlequina e a Era Venenosa.

Assim, pode-se perceber que a ideia de que fãs de quadrinhos não são necessariamente meninos héteros e que estes não precisam apenas se enxergarem através dessa mídia tem ganhado força e rompido os estereótipos, de um modo geral, no mundo das graphic novels. Uma vez que você coloca, explicitamente, a orientação sexual dos personagens sem que isso seja fonte de discussão ou o foco principal da história fica nítido o incentivo não só ao combate ao preconceito, mas a naturalização das escolhas de cada um.

Quem ilustra muito bem essa questão são os X-Men, grupo de super-heróis composto por indivíduos com habilidades especiais, os mutantes. Por vezes, a crítica faz uma analogia do que seriam os X-Men à população LGBT, visto que estes são rechaçados pela elite conservadora da sociedade, caçados e condenados por fanáticos religiosos e estão sempre no plano de discussão das políticas públicas havendo quem os apoie e quem queira seu controle ou até mesmo seu extermínio. É provável que esta analogia tenha se originado em razão de que os heróis são, em sua maioria, adolescentes que se veem às voltas com poderes que se desenvolvem nessa fase da vida, similar à ideia de que é na adolescência que se desenvolve a sexualidade. As dúvidas frequentes dos heróis juvenis e a falta de conhecimento para gerenciar estes poderes podem ser associadas ao sentimento de confusão e medo de pessoas homossexuais ao pensar em encarar o preconceito e os desafios de uma sociedade que não os vê totalmente de maneira positiva.

Ao longo da saga, os heróis levantam várias questões, confrontando os fundamentos do discurso de ódio contra o diferente do “cidadão de bem”, o que se aplica perfeitamente ao discurso homofóbico.

Em uma das passagens mais marcantes, um fanático religioso aponta para Kurt Wagner, o X-Men Noturno, e pergunta, em tom agressivo, como ele poderia ser chamado de humano, considerando seus poderes e características físicas.

Noturno tem forma física humanoide, e revela uma personalidade carismática, e espírito de equipe, características que levam os fãs a ver nele um dos heróis mais queridos. De aspecto físico peludo e com uma cauda, pode se teletransportar. No entanto, sua forma física ou superpoderes não impede que tenha dúvidas, angústias e necessidades como qualquer um.

É interessante ver que o leitor desenvolve a empatia pelo personagem e, ao se enxergar nele em suas mesmas alegrias e dores, é reforçada a ideia de que os direitos humanos não devem ficar restritos aos grupos sociais já estabelecidos, mas devem alcançar a todos, sem exceção, uma vez que a matéria humana não está associada sob nenhuma vertente científica filosófica apenas àqueles que são aceitos moralmente pela sociedade.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas, que não é obrigatória, juridicamente, que todos os Países sejam signatários, mas tem importância essencial, afirma que: “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos, dotados de razão e de consciência, e devem agir, uns para com os outros, em espírito de fraternidade”(ONU, 1948, artigo 1º).

Em razão disto, com essa crítica simples, a editora provoca em seus leitores um questionamento refinado sobre o elemento humano e o alcance de seus direitos fundamentais.

4 JESSICA JONES E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER:

Personagem de categoria C, Jessica Jones ganhou destaque ao ter suas HQ's produzidas com selo Max que a caracterizava com uma leitura mais adulta. No entanto,

o principal vilão que Jessica tinha que encarar era Killgrave, cujo principal poder era o de manipular as pessoas; em resumo, Jessica, que possuía superforça e podia voar e fazia parte dos vingadores, foi encontrada e sequestrada por Killgrave que tinha o poder de fazer com que as pessoas o obedecessem; o vilão se apaixona por ela e a mantém como sua capanga e namorada ao mesmo tempo. Ocorre que esta alegoria, que foi trazida para uma nova mídia com uma série de TV, é ideia de relação abusiva e violência doméstica sofrida pela mulher.

Muitas mulheres que vivenciaram esta situação disseram que situações vividas pela personagem se assemelham muito com aquelas vividas em um relacionamento abusivo.

Como se levantar uma questão tão séria, hoje em dia, já não fosse o bastante, o sucesso da série fez com que a Secretaria de Saúde do Distrito Federal realizasse uma campanha para que as vítimas de violência doméstica denunciassem seus agressores. (Catraca Livre, 2014).

5 KHAMALA KHAN E O MULTICULTURALISMO

Ainda sobre personagens femininos fortes, a Marvel dá um passo a frente novamente ao lançar em 2013, uma super heroína de origens muçulmanas.

Kahamala Khan não apenas carrega traços e expõe a cultura paquistanesa, mas também foi pensada e desenvolvida por uma cartunista de origens paquistanesa. Criada por Sana Amanat em 2013, Khamala Khan é produto da própria necessidade da editora de se buscar identificação, uma vez que a própria Sana Amant é de origem paquistanesa e, em diversas palestras relata a dificuldade que viveu, principalmente na adolescência por ser diferente de seus colegas.

“Todos nós queremos ser heróis”, diz Sana. “E não seria incrível se os heróis se parecessem conosco?” (CISCATI, 2016, s/p.).

A editora ainda conta que o que a trouxe para a atuação dentro da indústria dos quadrinhos foi o fato de se identificar com personagens tão diferentes quanto ela, que enfrentavam a questão do preconceito em razão de suas diferenças:

[...] Havia uma mulher negra com cabelo branco que podia manipular o tempo; um homem peludo e azul; uma garota tímida que não podia tocar ninguém”, disse Sana. “Essas pessoas eu conseguia entender,

porque eles também eram diferentes. E, mesmo assim, os X-Men aceitavam quem eles eram, e defendiam essa identidade” (CISCATI, 2016, s/p.).

Recentemente, uma das personagens femininas de mais destaque nos quadrinhos, a Miss Marvel, identidade secreta de Carol Danvers, é assumida por Khamala Khan na edição de Agosto de 2013 de ([Captain Marvel](#) #14),

Carol Danvers, a antiga Miss Marvel é loira de olhos azuis. Inicialmente, Khamala, ao assumir o manto de Miss Marvel adquire características físicas semelhantes a sua antecessora. No entanto, ao decorrer da saga, Khamala reconhece suas origens e assume seu tom de pele e traços característicos de sua descendência:

[...] Ao herdar o título, Kamala começa a se transformar em uma heroína branca e loira. Ao decorrer da história, em uma narrativa de autoaceitação, ela passa a se transformar em uma Miss Marvel com as suas próprias características. Essa jornada de autoaceitação de Kamala é muito interessante para a abordagem da diversidade e da importância de reconhecermos preconceitos étnicos na sociedade. O efeito de isso ser abordado em uma literatura para adolescentes é importante para colocar o assunto em pauta. Ao aceitar sua aparência verdadeira como uma base boa o suficiente para sua versão heroica, em vez de aderir a uma identidade branca, Kamala reafirma sua identidade paquistanesa. (PIMENTEL, 2016, s/p.)

Não é de hoje que a Marvel vem tratando a questão de povos com culturas diferentes do catolicismo ocidental.

Em 2000, Eco fazia parte dos Vingadores e era uma personagem de raízes indígenas. Eco, também conhecida como Robin é totalmente surda, carregando traços de duas minorias: os indígenas e deficientes físicos, assim como seu namorado, o Demolidor³, que é totalmente cego em razão de um acidente quando criança.

6 CONCLUSÃO

Em entrevista para o programa Espaço Público na TVBrasil, em 30 de julho de 2014, Angela Davis, notória militante da luta dos negros nos Estados Unidos, afirma que

³ Identidade secreta de Matt Murdock, o Demolidor defende o bairro de Hell’s Kitchen como vigilante noturno. Enquanto durante o dia Matt Murdock é um advogado que defende, principalmente, injustiçados e hipossuficientes financeiramente.

é necessário não apenas que as minorias penetrem as esferas de poder, mas rompam com as relações já estabelecidas a fim de conferir a efetividade e horizontalidade do direito, alcançando principalmente aqueles que mais precisam dele.

Assim, é intrínseca não só a relação da cultura pop, em especial, das graphic novel's com questões políticas, diretamente relacionadas com questões sociais, mas também os efeitos que esta gera na população que consome esse tipo de entretenimento.

A democratização das mídias permitiu que as informações chegassem a toda a parte em questão de segundos. No entanto, essa facilidade em se obter informação não significa, necessariamente, que as informações geradas serão de cunho crítico ou ideológico favorável à construção de um pensamento democrático em que se pense a minoria ocupando espaços de poder, permitindo, assim, viabilizar a ideia de um estado democrático participativo, guardadas as devidas proporções.

Diante deste fato, a ideia de uma editora, das mais famosas, dentro do universo de revistas em quadrinhos e com uma repercussão mundial, permite a formação de uma consciência crítica, não só nos mais jovens, visto que a Marvel começou a ganhar fãs em meados da década de cinquenta. O que permite a possibilidade de uma análise política social de maneira didática ainda que não seja pedagógica, a fim de convidar o cidadão a assumir seu lugar e ser mais atuante.

É impossível pensar a cidadania sem entrar na esfera de participação ativa e consciência do indivíduo de que faz parte uma sociedade mais ampla e complexa e que, sendo assim, goza de direitos fundamentais que não devem ser ignorados, seja por questões morais estabelecidas de um ponto de vista religioso ou pela lógica mercadológica existente. Assim, as discussões trazidas pelas histórias em quadrinhos têm fortalecido a ideia de propagação de senso crítico, atuação social e representatividade, não apenas para as minorias, mas para que aqueles que não fazem parte de nenhum desses grupos entendam e apoiem estas causas, uma vez que são capazes de enxergar o ser humano com direito à dignidade e ao mínimo existencial, não importa seus traços étnicos, sua orientação sexual ou qualquer outra característica. O direito a ter direitos é legítimo a toda população.

REFERÊNCIAS

- ALIAS. *Marvel Comics*, novembro de 2001.
- BABOS, John. *Marvel's New Ultimate Spider-Man Miles Morales: A Significant And Safe Leap Forward*. Disponível em: <<http://insidepulse.com/2011/08/06/marvels-new-ultimate-spider-man-miles-morales-a-significant-and-safe-leap-forward/>>. Acesso em: 16 dez. 2016.
- BENDIX, H. *Construção nacional e cidadania*. São Paulo: Edusp, 1996, 174 p.
- BORGO, Érico. *Luke Cage pode ser primeiro filme da nova safra do Marvel Studios*. Disponível em <<https://omelete.uol.com.br/filmes/noticia/luke-cage-pode-ser-primeiro-filme-da-nova-safra-do-marvel-studios/>> Acesso em: 01 dez. 2016.
- BOULD, Mark. *The Routledge Companion to Science Fiction*. [s./l]: Taylor & Francis, 2009.
- Captain Marvel # 14 Marvel Comics, agosto de 2013.
- Capitão América #04 #05#06 Marvel Comics, agosto de 2015.
- CANDAU, V. M. Educação em Direitos Humanos: desafios atuais. In: GODOY, R. M. (Org.). *Educação em direitos humanos: fundamentos teórico-metodológicos*. João Pessoa: Editora UFPB, 2007. 28 p.
- CISCATI, Rafael. *Aos 75 anos a Marvel conta a história dos desajustados em quadrinhos*. Disponível em:<<http://epoca.globo.com/vida/noticia/2014/12/aos-75-anos-bmarvelb-quer-contar-historia-dos-bdesajustadosb-em-quadrinhos.html>> Acesso em: 16 dez. 2016.
- DAVIS, Angela. *Mulher, raça e classe*. First published: in Great Britain by The Women's Press Ltd, 1982. 171p.
- Demolidor #12. Marvel Comics, agosto de 1969.
- DRAIBE, Sônia Miriam. Estado de bem-estar, desenvolvimento econômico e cidadania: algumas lições da literatura contemporânea. In: HOCHMAN, G. et al. *Políticas públicas no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.
- FINCO, Nina. *Série Luke Cage encara inimigo incômodo da sociedade: a tensão racial*. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/09/serie-luke-cage-encara-um-inimigo-incomodo-da-sociedade-tensao-racial.html>> Acesso em: 01 dez. 2016.
- HESSEL, Marcelo. *O que esperar de Jane Foster como a Nova Thor*. Disponível em: <<https://omelete.uol.com.br/quadrinhos/artigo/the-mighty-thor-o-que-esperar-de-jane-foster-como-a-nova-thor/>> Acesso em: 1 nov. 2016.
- Luke Cage, Hero for Hire #1 Marvel Comics, junho de 1972

MARSHALL, Thomaz Humpfrey. *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1967. 114p.

MONTEIRO, Rodrigo. *Os X men e o preconceito*. Disponível em: <<https://omelete.uol.com.br/quadrinhos/artigo/os-x-men-e-o-preconceito/>> Acesso em: 1 nov. 2016.

New Avengers Annual #2 Marvel Comics, dezembro de 2008.

New Avengers #49. Marvel Comics, dezembro de 2012.

New Avengers #24. Marvel Comics, dezembro de 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma concepção pós-moderna do direito. In: _____. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.

Secret Invasion #8 Marvel Comics, dezembro de 2008.

Pecado Original, Marvel Comics, maio de 2014.

OLIVEIRA, Paula Julieta Jorge de. *A cidadania é para todos: direitos, deveres e solidariedade*. Disponível em: <<http://www.oabsp.org.br>> Acesso em: 1 dez. 2016.

Ultimate Fallout #4 Marvel Comics, Agosto de 2001

X- Men, Marvel Comics, dezembro de 1963.

X-Men – Deus ama, o homem mata; Marvel Comics, novembro de 2014.